

Rebeca Montemayor López
Larry José Madrigal Rajo

Apresentação

Quando em Havana, Cuba, formou-se um grupo de interesse para organizar um número da RIBLA dedicado à infância e à hermenêutica, com emoção e paixão foram expostas as cruas realidades da infância de nossos povos da América Latina, ao tempo em que textos, temas, autores e autoras foram levantados. Estávamos muito longe de imaginar a reviravolta da vida, a longa e escura noite que ainda não acaba. Três anos de pandemia... Como meninos e meninas sobreviveram neste tempo? Quais são as consequências sociais, educacionais e emocionais que agravam cada vez mais a situação e a condição das crianças? Existem milhares de meninas e meninos que ficaram órfãos. E as outras pandemias? Os outros órfãos? Crianças de rua, crianças migrantes, crianças traficadas, crianças objetificadas, crianças prostituídas, crianças na prisão, crianças armadas, crianças sem escola, crianças sem voz, crianças em silêncio... Isto não começou em 2020.

Na história da humanidade se acumula uma longa trajetória de esquecimento e exclusões. Políticas de estado assistencialistas e passageiras, embora a declaração dos direitos da criança seja tão recente. No campo da educação, com a pandemia e o confinamento, ficou mais visível a grande desigualdade social. Determinou-se “estudar em casa”, mas não há sinal de internet e nem luz elétrica para fazer a lição. A nível familiar, onde o desamparo e a falta de cuidado, diante da obrigatoriedade do “fique em casa”, agravou o abuso sexual, mais do que nunca, contra as meninas. Ou seja, houve mais violência de todos os tipos, o que aumentou o infanticídio. Enfim, um panorama nada animador, que existe por séculos, mas que emergiu com maior intensidade agora, como um tsunami, que externou o que há de pior no ser humano.

As comunidades de fé, vivendo no mesmo barco, também se viram, da noite para o dia, num vazio ao longe. Tiveram que criar, no possível, ferramentas que permitissem continuar sendo e fazendo comunidade, mantendo a alimentação espiritual. Dentro desse contexto era urgente atender as necessidades mais prementes: desemprego, doença, perda de parentes, ajuda solidária e compassiva. Então, diante de um “quem disse que tudo está perdido, eu venho oferecer meu coração”, começamos a fazer tudo coletivamente. E este é o presente desta edição da RIBLA: *Deixem que as meninas e os meninos digam sua palavra: Infância e hermenêutica*.

Não sem esforço, mas com orgulho e satisfação, conseguimos reunir onze textos, de oito países da América Latina e Caribe. Cada texto é original, profundo e desafiador. Todos com sensibilidade e compromisso com as crianças. Todos a partir de uma pesquisa bíblica. A característica deste número é a diversidade de autores e autoras, que reflete a interação de gerações, bem como a diversidade de experiências eclesiais, pastorais e educativas.

Com profunda gratidão a cada autor e autora, viemos oferecer o coração. Juntos e juntas construímos uma comunidade hermenêutica.

Jhon Fredy Mayor (Colômbia) apresenta uma coleção de estampas bíblicas sobre a infância, na qual se propõe a recuperar os rostos de meninos e meninas dos discursos androcêntricos e adultocêntricos. Esse é um desafio até mesmo para a interpretação bíblica latino-americana, onde tem sido difícil trabalhar a ideia de que Deus não fala apenas a homens e adultos. Jhon Fredy, em alta voz, tenta fazer com que meninas e meninos se reconheçam presentes nos textos bíblicos. E assim, escutando sua própria voz no texto, façam-se ouvir na sociedade adultocêntrica e reclamem seu lugar ativo na comunidade. Este é um programa muito ambicioso para o espaço limitado da revista, mas se relaciona bem com as preocupações e experiências apresentadas nesta edição. Visibilizar as meninas e os meninos na Bíblia é uma boa oportunidade para lembrar que na revelação do projeto salvífico de Deus, todas, todos e todes estamos presentes, o que, sem dúvida, está mais próximo de uma experiência comunitária de fé inclusiva e integral. Ao ler este artigo, surge com força a ideia de que os adultos ativem a consciência de que meninas e meninos têm seu próprio lugar e que devemos respeitar seu direito de estar presente e ativo na experiência comunitária de fé. Para isso o autor nos apresenta uma visão panorâmica da tradição bíblica, a partir da qual vai retomando

textos-chave onde meninas e meninos aparecem como vítimas. Jhon Fredy não poupa letras para fazer visível a violência física, psicológica que pode ser identificada na maioria dos textos bíblicos. Mas também apresenta os pequenos vislumbres de cuidado, valor e centralidade que podemos detectar como rupturas que propiciam caminhos de transformação e graça para os adultos. Esta viagem pelos textos do Primeiro e do Segundo Testamentos convida a romper com práticas religiosas e sociais que não consideram os meninos e as meninas como sujeitos ativos e aptos para a revelação de Deus, e continuam considerando-os como acessórios ou notas simpáticas nas tradições bíblicas. O artigo faz um apelo à consciência pessoal, às comunidades, às Igrejas, enquanto entidades com peso sociopolítico, para transformar suas próprias práticas. A levantar a voz diante dos Estados, a colocar em primeiro lugar o cuidado, a proteção, o abrigo e o bom trato de meninas e meninos, para que possam recuperar sua voz, seu lugar, sua expressão própria e seu momento de sujeitos dignos de filhas e filhos de Deus.

Gloria Gamboa Fajardo (Peru), com uma visão histórico-pedagógica, descreve a transmissão e o desenvolvimento da aprendizagem das meninas e meninos a partir das remotas raízes nômades e as sucessivas etapas que marcaram a história do povo de Israel. E onde estão os meninos e meninas como sujeitos dessa leitura bíblica? Porque não é uma ação monocultural, entre as idas e vindas dos relatos, alicerçada na diversidade de saberes e conceitos próprios de seu tempo. Glória afirma uma etapa denominada 'infância', como estado natural de todo ser humano. Mas como ela é concebida? Através da orientação, cuidado e respeito à dimensão própria do infante, que se interrelaciona com o entorno a partir de seu olhar livre e sem preconceitos. Não a partir de categorias adultocêntricas que lhes são impostas, resultado de uma educação manipulada, que elimina o interesse crítico e libertador do ser humano. Ou a partir de propósitos de uma organização sociopolítica, religiosa, econômica e cultural, que se transformam em controle social, submissão à autoridade injusta e abusiva. O povo de Israel não foi alheio a este sistema de ensino. A autora dá especial atenção a dois períodos: "a Ginecocracia", vivida pelos primeiros grupos nômades, que, posteriormente, constituíram o povo de Israel. Nesta etapa se reconhece a autoridade da mãe, que dá os primeiros ensinamentos. Em um segundo período, "o patriarcal", onde o ensino é integrado à fé, como um dever religioso da lei deuteronomista. Este ensinamento é carregado de significado moral e social, juntamente com a experi-

ência próxima a Yahweh, que relega a imagem da mãe, dando força à autoridade paterna. A partir daí, Israel construiu um ensino patriarcal, teocrático e hierocrático.

Em uma reviravolta na história, a autora conecta a imagem da infância com a esperança messiânica, mostrando um Deus vulnerável, frágil e pequeno, um Deus Filho, sábio e justo, que guiará ao povo. E esse Menino Deus, Emanuel, é Jesus, que acolhe os pequeninos do Reino. Por fim, a autora nos desafia a uma crítica na formação da fé e a buscar uma educação solidária sem competências nem egoísmos, a eliminar o silêncio e a passividade e se permeiar da esperança libertadora para sair dos esquemas desumanizantes típicos de qualquer tipo de escravidão.

Alejandro Cussianovich (Peru), professor referência na América Latina e Caribe sobre a questão do protagonismo político de crianças e jovens, tece uma prolixa reflexão bíblico-teológica na qual recupera diferentes momentos e personagens que animam a proposta e a aposta por práticas relacionais que dão um sentido de realidade e mudança para as crianças em nossos contextos empobrecidos e vulnerabilizados. Partindo do substrato dos *anawim* (pobres de Javé), Alejandro recorda que se trata de um “pequeno resto” (Is 43,5; 44,3) que constitui o núcleo dentro dos *anawim*, portador das virtudes que encarnam as condições e características dos tempos que florescem plenamente com o cumprimento do anunciado por Isaías: “É o Senhor que vos dará um sinal”. Quer dizer, uma jovem já está grávida e dará à luz um filho que se chamará Emanuel. Entre os *anawim* estão meninos e meninas, personagens sem valor nem voz, contrastados pelas grandes figuras dos poderes políticos com os quais Israel forjou sua história. Parece que sabemos disso e o tomamos como entendido e assumido. Mas, ao lembrar os meninos e meninas como *anawim*, emerge a consciência das aprendizagens, traumas, tempos e corpos entre aqueles que se apropriam da identidade do povo de Deus. E, então, surge a pergunta: o que fica dos meninos e meninas portadores de esperança, de confiança, vítimas de tanta dor, de tanta humilhação, de tantas lágrimas, de tantos exílios repetidos? É um longo e sofrido aprendizado, uma outra forma de entender o Deus de seus pais e mães. Virando as páginas e chegando ao tempo de Jesus de Nazaré, as provocações à reflexão adquirem um sentido urgente, um desafio atual: “Em sua vida pública, Jesus mostra sua fidelidade radical e coerência com suas próprias origens como criança, desde o ventre de sua mãe como filho

adotivo, com a experiência de ser um bebê migrante político forçado”. Recuperando toda a sua ação profética e pública como o lugar de sua ternura, para Alejandro, Jesus é, como pedagogo, um *desparametrizador* permanente em quem se destacam feitos de admirável força profética (o rapaz da multiplicação dos pães; fazer-se como crianças; a filha da cananea; o diálogo com os doutores da lei; a relação filial de Jesus com seu pai José). Não é apenas cumprimento de anúncios feitos ao longo da história dos *anawim*, senão que inauguram a era do movimento de Jesus. No final, recriando a vida de Maria de Nazaré, menina e jovem, encontramos a abordagem da hermenêutica experiencial de meninos e meninas. Nem tudo foi dito, há muitos eixos para continuar refletindo, mas com a consciência apontada por Alejandro: “as crianças ainda representam o Sul hermenêutico, o Sul epistêmico, como sinaliza Jesus ao colocar as crianças no centro e torná-las possuidoras do Reino. Daí que Paulo diz sem ambiguidades em Coríntios: ‘Deus escolhe os fracos do mundo’...”.

Karen Castillo Mayagoitia (México) faz uma abordagem da infância pouco refletida a partir da Bíblia. Para isso, Karen apresenta um olhar sobre a infância e os direitos humanos a partir da análise de um texto paradigmático do evangelho de Mateus: Jesus e as crianças (Mt 19,13-15). A autora afirma sua hipótese: “É possível falar e até fundamentar os direitos das crianças à luz dos textos bíblicos. O fato de ter quase excluído historicamente a infância da reflexão teológica não significa que não esteja presente”. E é a partir daí que ela desenvolverá sua reflexão, que finalmente convence. De forma ordenada e sistemática, ela faz uma exegese que nos leva pela mão, a partir de uma leitura sociológica, a qual vai sustentar posteriormente com uma proposta de hermenêutica feminista para o tema dos direitos das crianças. Isso, sem descuidar da atenção a outros grupos historicamente excluídos. E nesta teologia feminista contribui, com visão autocrítica, a fim de tornar visível a inclusão de mulheres e crianças. Karen, diante de um texto tão comentado, não perde a bússola de apontar a outras possíveis novas leituras que surpreendam os leitores e as leitoras. Neste ponto, é relevante destacar a partir de sua investigação dos contextos, que lançam luz sobre a compreensão de grupos excluídos e grupos de pertença (Aguirre), a pergunta: “as mulheres, os eunucos, as crianças e os jovens eram “subgrupos” identitários, resultado das condições sociais e culturais impostas pelo grupo de controle patriarcal e adultocêntrico? Essa pergunta liga com uma segunda parte interessante: a hermenêu-

tica feminista (Schüssler), onde a autora relaciona suas descobertas e preocupações da abordagem da infância com os direitos humanos. Assim, as três fases do método: experiência, imaginação criativa e ação transformadora, são intercaladas criativamente com contextos de ontem e de hoje da infância. Aqui é mencionada não só a indolência da fé, mas se reconhece os esforços ecumênicos e interreligiosos dos compromissos libertadores para com as crianças. O fechamento do artigo é feito com uma atitude de oração: “Deusa, que es Sabedoria e Espírito, Deusa que es carícia e ternura, Deusa que es misericórdia e encontro, deixa-me olhar-te com os olhos expectantes de meninas, falar-te com a voz doce dos meninos, sentir-te com o corpo pequeno, mas aberto ao desenvolvimento, das meninas, seguir-te com a confiança de um menino, quando se descobre amado”.

Rebeca Montemayor López (México) parte de uma pergunta candente: “Havia escravidão infantil nas primeiras comunidades cristãs”? A pergunta é feita com base na narrativa de Rode (At 12,12-16) e com base na dura realidade de trabalho doméstico de meninas e adolescentes na América Latina. Realidade esta que facilmente ultrapassa a tênue fronteira entre emprego e escravidão e entre pobreza e violência. É um trabalho de exploração textual que busca elaborar uma biografia, uma história de vida de Rode, com as limitações que impõe sua breve narrativa. A investigação vai dos contextos que descrevem o movimento de Jesus ao movimento do Espírito e às origens das igrejas domésticas. Vai dos significados e impactos de viver sob o império, seguir a fé cristã na subversão da ordem e em favor das comunidades igualitárias e inclusivas. A partir do contexto de Atos dos Apóstolos, de tradição lucana, que nos stiuia mais objetivamente a fim de podermos nos apropriar das histórias da primeira geração cristã em Jerusalém. E é a partir dessa memória que se formula a itinerância textual de Rode, como protagonista de um evento que transcende a comunidade e tenta juntar as peças de sua história. Será interessante ver o status do texto em algumas pesquisas bíblicas: uma comédia, uma anedota graciosa, um conto infantil, uma história de subversão? O ponto de partida metodológico é a hermenêutica da suspeita, que abre as possibilidades de transitar a partir de leituras androcêntricas e patriarcais excludentes, até criar, imaginar e reconstruir uma história que subverte a ordem estabelecida, não somente social e cultural, mas também teológica. Isso porque há um reconhecimento da presença de pessoas histórica ou religiosamente excluídas e invisibilizadas, e uma abertura à sabedoria e à

espiritualidade que vem *das pequeninas*. A partir de duas experiências situadas e vividas, Rebeca expõe duas abordagens das comunidades cristãs em relação a meninas adolescentes, empregadas domésticas. E isso leva à pergunta: que tipo de comunidades cristãs somos e fazemos hoje? Rode, de sua história de vida, marca o percurso dos direitos das meninas adolescentes, com nome, voz própria, o direito à transgressão, a acreditar em si mesmas. O que Rode fez com sua vida? Em um epílogo imaginário (desejado?), uma história para hoje, de esperança para todas as meninas, outra história de libertação é possível.

Elisa Medina Fuentes (México) nos apresenta um assunto doloroso e arrepiante: crianças sacrificadas. Elisa demonstra com destreza e criatividade metodológica “o olhar de uma fotógrafa” e faz três tomadas. Uma primeira tomada panorâmica para observar a amplitude do assunto presente na Bíblia. Uma segunda tomada de “primeiro plano” para focar duas narrativas icônicas: o faraó que manda matar as crianças, no livro do Êxodo, e a matança das crianças por Herodes, descrito no Evangelho de Mateus. E uma tomada final, sobre o que não diz o texto, para mostrar o impacto de uma infância cuidada, que, ao contrário do sacrifício de bebês, que impede o futuro, pode mudar a história pela liberdade, justiça e bênção. Assim, na primeira tomada, Elisa faz uma viagem detalhada e cuidadosa pelos textos onde sacrifícios de crianças são mencionados nas narrativas bíblicas. Isso vai até o Novo Testamento, para, com linguagem sacrificial, referir-se a Jesus, a vítima sacrificada. Na segunda tomada, Elisa foca sua lente a partir de um mandato perverso: “Mandou matar a crianças”. Nesse sentido, pelo “pacto de leitura” (Marguerat), os dois atores icônicos, Faraó e Herodes, estão entrelaçados no mesmo ato de extermínio: o poder de eliminar os mais fracos. Porém, Elisa nos permite respirar ao expôr as forças de oposição, vozes que ainda se levantam contra todo sistema de morte: parteiras, mães, irmãs, pastores, sábios do Oriente, famílias, profetas, anjos e o próprio Deus. Uma terceira foto, tirada em *zoom*, reconhece que há muitas lacunas textuais no silêncio das crianças, que, por sua vez, é a violência sacrificial da palavra, do não-ser. Tocam-se fibras sensíveis de nossas realidades, a infância, os sacrificáveis das guerras, a migração, o tráfico de drogas, as violências. Não existe um futuro para milhões de meninos e meninas. Mas nem tudo está perdido. A infância cuidada é transformadora da história, e isso é um chamado inevitável. Uma educação na fé transformadora, sem falsos rituais, sem violência, sem ideologia. Ao final, Elisa nos convida a reler os textos

referentes à infância, com audácia e coragem, pois a vida de cada menino e menina, os mais vulneráveis entre os vulneráveis, vale a própria vida para defendê-la.

Nancy Cardoso Pereira (Brasil), utilizando a bela poesia de Ismael Serrano como provocação, convoca-nos a uma hermenêutica da infância e seus desafios filosóficos e antropológicos a partir das realidades latino-americanas. Para isso, Nancy utiliza textos do ciclo de milagres do profeta Eliseu, onde aparecem meninas e meninos com suas mães (um menino morto, dois filhos e um pote de azeite). A autora evita idealizações e essencialismos e se pergunta sobre o lugar do não-poder falar, que é o significado da palavra 'infância' (aquele/aquela que ainda não sabe falar em público), tão usada e maltratada pela interpretação ocidental. Em sua jornada, Nancy consegue nos fazer transitar a partir da consciência do adultismo com que tratamos muitos textos em que aparecem meninas e meninos. Um adultismo que se expressa de forma elegante, culto ou superior no pensamento ocidental e, claro, cristão. Chama a atenção à invisibilidade, a subestimação ou banalização do lugar da infância na reflexão teológica. Esse lugar sem poder e sem força, deveria ser onde a humanidade se revela. Nancy critica sua trajetória e se questiona sobre o novo do novo como exercício de reinvenção do mundo, dos relacionamentos e dos saberes. Quando Deus se torna palavra, Deus nasce como uma menina ou menino pobre de uma mulher marginalizada na presença de personagens marginalizados da época. O próprio Jesus retomará a tradição dos milagres de Eliseu, ao olharmos para seu movimento, integrantes e práticas, e lemos a centralidade desse paradoxo de valor que a interpretação deslocou de suas coordenadas originais e que Nancy consigna com seu jeito profundo de articular as palavras e as imagens. Nancy detecta que não há oráculos, não há discursos... são gestos e objetos, coisas e tempos, corpos e relações, que reivindicam a mediação da experiência do sagrado". É assim quando se trata da infância, em que a aprendizagem vital vem do que é vivido, observado, tocado, e não do cognitivo e discursivo. Por isso, talvez, a citação final levante a chave com a qual grandes figuras espirituais traçaram itinerários de vida: "quem não receber o reino de Deus como uma criança, não entrará nele" (Lc 18,17).

Edesio Sánchez Cetina (México), colaborador regular de RIBLA, abre espaço para retomar e aprofundar, a partir de sua longa e frutífera trajetória de reflexão sobre a infância nas tradições bíblicas, o que os livros de Provérbios e Eclesiástico contam sobre meninos, meninas

e “primeira juventude”. Elaborando de forma didática e requintada o contexto histórico, social e cultural do judaísmo do período do Segundo Templo (538 a.C – 70 d.C.), Edésio dedica espaço para uma caracterização útil dos elementos que compõem a visão de mundo desse importante período, tanto para ser justo com as considerações que fazemos sobre os textos, quanto para nos lembrar da complexidade com que os horizontes de sentido são tecidos em cada época. Para o judaísmo do Segundo Templo esses elementos seriam: o aparecimento do Livro (especialmente a Torá); a reinvenção do povo judeu de nação para movimento; a capital importância do lar como centro de formação educacional e religiosa, apesar do Templo; a formação do cânone da Bíblia Hebraica (Tanak) como identidade, sentido de vida e permanência do povo judeu. Com esse prisma, Edésio nos lembra que os conceitos de idade do mundo antigo devem ser entendidos de forma diferente do entendimento atual, dada a curta expectativa de vida em função da assunção de responsabilidades e funções na engrenagem social e econômica e na vida reprodutiva, que gerava no corpo uma condição do início da idade adulta muito mais cedo. Edésio aprofunda o horizonte de sentido dos livros de Provérbios e Eclesiástico, ambos com uma perspectiva geracional e de gênero, destacando as diferenças de tratamento de meninas e meninos que os textos suscitam. Assim também sua intenção sapiencial, o âmbito da sabedoria emarcada na Torá, não por isso menos evidente. O autor afirma que “os homens – sejam adultos, jovens ou crianças – formam a parte social que define a identidade da sociedade judaica; as mulheres são ignoradas, com poucas exceções, desde o berço até a velhice”. Embora não se pretenda resgatar o texto de seus contextos, o que se propõe aqui é honrar suas coordenadas histórico-culturais para não se enredar em condenações e interpretações forçadas das construções do sistema patriarcal no judaísmo do Segundo Templo.

Tirsa Ventura y Luigi Schiavo (Costa Rica/Italia), com uma exposição erudita que oferece marcos para a reflexão sobre o trabalho com crianças, apresentam um maravilhoso panorama da teoria da complexidade. Precedido tanto de sua primorosa formação quanto de sua vibrante prática pedagógica e docente, os autores abordam o conhecido e citado texto do menino-rei de Isaías 9,1-6. Para a análise, propõem chaves de leitura para a superação de uma realidade conflitiva que inaugura um tempo de paz e justiça. O artigo busca revelar a hermenêutica do discurso sobre o filho-rei: como a realidade é com-

preendida e como as esperanças de renovação e paz se resumem no anúncio do nascimento de um menino, com o qual se propõe sair das categorias de poder e domínio para transitar a uma opção de vida de serviço a partir da vulnerabilidade. A experiência e proximidade com a teoria da complexidade, permite que Tirsa e Luigi convidem a cultivar um olhar complexo no melhor sentido interpretativo, para superar a visão dualista da realidade, projetando a figura de uma criança que vai nascer como uma abertura à esperança, construída a partir da multiplicidade, pluralidade, interdependência e da interculturalidade das relações. A chave não é a pessoa histórica da criança, mas o fato de que nela a pluralidade de relações se orienta para a construção de algo diferente: a justiça e a paz. Mas, para construir algo diferente, um outro mundo, é necessário um olhar diferente sobre a realidade. Um olhar que supere o clássico dualismo oposicional e classificatório, responsável por inúmeros conflitos e sofrimentos. Da mesma forma, é necessária uma nova ética que assuma as diversidades como chave epistêmica para a justiça e a paz. Nesse sentido, a metáfora da criança faz parte de uma proposta ética diferente, que ao mesmo tempo expressa um outro mundo, ao estilo do Reino de Deus (Mt 19,14). Um mundo diferente, onde a infância representa o critério fundamental e a referência ética indispensável para uma alteridade que realmente é tal. Como o autor e a autora concluem: “a infância esconde um rico segredo para a transformação da vida”.

Rosa María Bravo (México) expõe sua reflexão a partir de sua vocação de vida. Explora o protagonismo infantil com questionamentos iniciais ao sistema adultocêntrico, que se julga no direito de pensar e agir pelas crianças. O protagonismo infantil ainda é um discurso vazio, e com uma linguagem sutil e perigosa, pois orientar, educar e instruir sempre passa pela ação de um adulto responsável. Com essa verdade, a autora se pergunta no campo religioso: Reconhecemos a importância que a presença das crianças tem em nosso meio e as identificamos como as favoritas do Reino de Deus? De forma assertiva, a autora parte de uma representação proativa dos textos bíblicos, nos quais a presença, a voz e as ações das crianças marcaram mudanças transformadoras em seu ambiente. Assim, a partir dos textos, afirma-se: a infância como lugar de respostas e reflexo do Reino de Deus; crianças sempre visíveis e no centro; e por terceiro, o chamado a ouvir a voz das crianças. Rosa María vincula sua reflexão e análise bíblica com as realidades das políticas de nossos países quanto a infância, com abordagens sociais

e práticas de formação, seja nas escolas ou nas igrejas. Alerta também às intersecções de gênero, sexo, raça e etnia, que tornam visíveis as desigualdades e a falta de oportunidades do sistema excludente. A autora fecha cada seção com perguntas desafiadoras e de confronto, para que “não turve nossa capacidade de perceber a lógica de Deus na voz da infância”. Numa segunda parte, Rosa María, com simplicidade e humildade, mas com razão e sabedoria, propõe algumas “pinceladas para promover o protagonismo infantil” a partir da sua própria experiência docente secular e do seu serviço numa comunidade de fé alternativa para as crianças. Não elabora uma receita mágica para “alcançar o protagonismo infantil”, mas nos convida a desaprender e desmontar estereótipos e imaginários da vida adulta e ter a coragem de calar e ouvir. A ter a audácia de entrar em uma relação horizontal com a infância, como base de uma educação para a vida. Enfim, desafia-nos a ver com novas lentes e corações abertos que promovem uma comunidade de fé - vida e alegria - para os favoritos do Reino. Rosa María apela às comunidades cristãs, que se orgulham de ser portadoras da mensagem de Jesus, a colocar as crianças no centro, como prioridade na missão de formação holística. Não esqueçamos que na nova ordem do Reino de Deus, proclamado por Jesus, meninos e meninas são vida plena que confia e abraça a ternura divina.

Mailé Vázquez Ávila (Cuba) apresenta uma fruição textual, com sua proposta de “exercício hermenêutico, tendo a infância como sujeito de leitura”. Aqui, 25 meninas e meninos de três faixas etárias formam uma comunidade hermenêutica que mostra seu potencial interpretativo e de análise crítica a partir do brincar, sonhar e construir novas realidades. Expõe, em primeiro lugar, os trabalhos de metodologias hermenêuticas a partir da infância, que, embora ainda escassas, são uma referência necessária ao assunto (Archila-Lamb). Ao descrever esses princípios, Mailé descobre como é necessário dismantelar o sistêmico de estruturas adultocêntricas, patriarcais, racionalistas e fundamentalistas, para deixar emergir a imaginação, os sonhos, os jogos, a criatividade, desde a infância. Além disso, reconhecer mediações hermenêuticas. A autora, de forma original, terna e acolhedora, convida-nos a criar uma colcha de relatos (releituras), onde se procura os materiais necessários para a feitura da história. Na segunda parte, Mailé continua com a exegese do texto selecionado, 2Reis 5,1-14, com uma exegese sistemática e profunda, e uma leitura inteligente e bem documentada nas ciências bíblicas. Em sua análise, “há muito tela de

onde cortar”, e a partir daí é “hora de costurar”. Da mesma forma, com uma abordagem libertadora, ela vai extraindo os fios interpretativos e oferece “os primeiros relatos da colcha”. Na segunda parte, Mailé apresenta “novas cores e novas vozes”, onde sistematiza o exercício hermenêutico com meninas e meninos, a partir do texto de 2Reis. Lendo a narrativa como conto, meninos e meninas narram sua própria interpretação da história. Do primeiro grupo, de 5 aos 8 anos, destaca-se “a menina escrava”, que é interpretada por meio de desenhos e pinturas. Em outra narrativa, para crianças de 9 e 10 anos, a história é baseada nas ações, atitudes e qualidades dos personagens. O terceiro grupo, de 11 e 12 anos, são cocriadores do texto e propõem retirar do texto o que os incomoda, e sonham com alguma mudança na narrativa. Esta edição inclui alguns desenhos que ilustram o trabalho de interpretação. Um belo trabalho de ternura, carinho e paciência, abrigado por uma colcha esperançosa de relatos. Assim, urge uma necessária reflexão bíblica que clame por outros olhares, outras releituras, onde a infância é vista, cheirada, ouvida, tocada, saboreada não pela morte, mas pela vida. Que os meninos e meninas nos questionem e nos confrontem com sua palavra fresca, nova, viva, que anuncia um tempo novo. Verdadeiramente um tempo novo!

Deixem que os meninos e as meninas nos digam sua palavra!

Tradução: José Ademar Kaefer